



www.delfimsantos.org

Delfim Santos humanista

Alberto Ferreira (1966)

Lisboa: *O Tempo e o Modo* 43-44, nov.-dez., 1081-1085.

Que é afinal um testemunho? Dizer o que importa, dizer o que se pensa, dizer o que se sente, dizer tudo — dizer o indizível... Superar a discórdia e a conveniência, falar, falar com o coração. Ainda a manhã se não desvela. Mal raia a luz; ainda as sombras da noite nos cercam, Ainda a névoa confunde a clareza e a nitidez das coisas. Que posso eu pensar ou sentir para encher o vácuo desta infindável distância, tanta e tão poderosa que o não vejo nem ouço... Inutilmente esta mão trémula e ansiosa afunda-se no espaço na procura impossível da forma palpável. Resta uma presença na memória e a ela me seguro com quanta força me é dado. As mãos longas traçam no ar impessoal um gesto delicado. Ainda a sua amizade nos aquece e as palavras nos amparam. Aos poucos recupero o sentido da sua vida O significado do seu pensamento. O exemplo da sua ação. E quase sem transição penetro o mundo em que vivemos, a razão da nossa existência, a necessidade que nos move, as forças que nos unem e separam — a cidade adormecida e em vigília. E não é para Ele que escrevo, mas para mim, para vós, sobretudo para ti, leitor, que te não refugiaste na indiferença ou escondeste sob a liturgia dos pequenos atos sem paixão; para ti, que crês no homem e na sua vontade esclarecida, que sabes que pensar é a sua grandeza, e a sua razão esforço supremo para que o fluir da vida consciente se não dissolva no instinto, o amor e a amizade não vacilem em face do ódio e da violência.

Que vale precisamente o meu testemunho? Serei capaz de me colocar numa posição medial, suficientemente significativa e suficientemente significadora para que as palavras se não tornem inúteis? Para que, pelo menos, o seu mínimo sentido ultrapasse a fronteira do subjetivo e ganhe dimensão que alcance um alvo comum? É já ser infiel à memória do Professor Delfim Santos reduzir o testemunho a meia dúzia de reflexões, aceitar o encargo de escrever sobre tão complexa personalidade em tão pouco e em tão curto espaço. E uma tal infidelidade, que é já irreflexão, me obriga a pôr-vos uma questão prévia. ~~O condicionamento social, psicológico e moral da nossa época é desfavorável ao cumprimento integral do dever cívico e, em sentido restrito, dos deveres consagráveis ao culto da inteligência e do pensamento.~~ E não encaro tais deveres à luz da absoluta valoração do trabalho intelectual, independentemente dos homens que o sustentam. Em outro tempo que não este, digamos com mais clareza, há vinte anos atrás, não aceitaria o encargo de testemunhar acerca do pensar de um



www.delfimsantos.org

homem que se não tivesse francamente alistado no «meu» humanismo. Mudei eu, mudaram as circunstâncias? Tanto quanto é possível conhecer-me (sem alienações) suponho que as diferenças do tempo e do carácter não alteraram o mesmo que em mim habita. No caso pouco mudei, ~~mas mudaram bastante as condições da cultura europeia em geral e da cultura portuguesa em particular. Não foi ocasionalmente que Roger Garaudy escreveu as suas *Perspectives de l'Homme* — e pouco interessa referir qual o valor intrínseco do livro, saber em suma se é grande ou modesto o seu conteúdo específico. Mas interessa saber se a atitude que o inspira é justa. Já se deixa ver que parto do pressuposto de que, na encruzilhada a que a cultura humanista chegou, só um diálogo digno e generoso, aberto e tolerante conseguirá desanuviar a mente escurecida pela mistificação e pelo sectarismo. Só de tal modo nos poderemos situar em posição integradora que nos não divida perante as emboscadas que espreitam a Homem desarmado e ansioso. Diálogo no sentido mais fecundo. Diálogo sem renúncia da nossa radical posição. Diálogo como o praticou, exemplarmente, Delfim Santos — dissipando energia e boa vontade, inteligência e amor em colóquios, conferências, artigos, ensaios, nas aulas, nos livros, na convivência amável e exigente. Se houve entre nós homens em que tolerância civilizada e exigência intelectual melhor se casaram, um desses homens, a que gosto de chamar *mestres de existência*, foi sem dúvida Delfim Santos.~~

E aqui encontro eu a primeira característica prática do seu humanismo. Repare-se: não tomo o significado de humanismo no seu tradicional conteúdo histórico. Não o encaro como um todo abstrato em que caibam todas as tendências filosóficas e doutrinárias que se centram na preocupação de «realizar o humano no homem». Como tendência geral o humanismo é uma atitude comum. Porém o modo de realizar o humano no homem, ou seja, a prática social do humanismo, é bastante divergente ou diversa para que nos possamos encontrar sem conflito. Mas, nas condições atuais da cultura, o que cumpre louvar no pensamento humano é o que aponta ao castigo impiedoso e firme do anti-humanismo, à completa, total, inconfundível intolerância perante a intolerância, à iniludível defesa da liberdade contra a escravização do homem: à guerra contra o obscurantismo, a miséria, a ignorância; à frontal oposição a tudo quanto ofenda a dignidade do indivíduo. Decerto que as premissas fundamentais do meu humanismo não são as que fundamentam o humanismo de Delfim Santos — e ei-lo aqui, redivivo, em íntimo convívio connosco que o discutimos. Se na verdade amamos o homem (e odiamos o anti-homem) façamos um esforço para compreender o pensamento de um dos raros intelectuais portugueses que não desfaleceu em face das dificuldades da reflexão teórica e se não conformou diante de situações práticas que minimizassem a ascensão do ser humano na escala da sociedade e a sua elevação espiritual e moral.

Partindo duma filosofia *problemática e não-solucionante*, Delfim Santos, ao mesmo tempo que criou o fascínio pela desfibração dos problemas, limitou o alcance



www.delfimsantos.org

prático das suas doutrinas. Mas será limite apenas resultante duma atitude do espírito ou, visando mais fundo, não teria sido originado pelas próprias estruturas em que se modelou a sua vida social? Creio que uma e outra condição são responsáveis no desenvolvimento do seu processo mental. O pendor problemático, teórico, de oposição e uma solução imediata de carácter político, pode ser, e normalmente é, razão suficiente para o deslize do humanismo na misantropia — ou pelo menos, para lhe travar a marcha para a integração entre a doutrina e a sua prática social. Delfim Santos não resiste ao apelo duma antropologia *aplicável* e daí o seu constante interesse pelo ideal paidêutico, pela educação, pela formação filosófica na escola. Por outro lado a sua índole especulativa alimenta-lhe a necessidade de fundamentar teoricamente essa mesma antropologia.

Desde início o seu pensamento é claramente teórico e problemático. O primeiro livro significativo que escreve consagra-o à tentativa de determinação problemática da noção de filosofia. Já aí o fundamento existencial e fenomenológico da sua orientação filosófica o conduz à formulação nítida dos princípios capazes de sustentar uma Antropologia. Logo adverte que os princípios da reflexão filosófica se não devem confundir com os princípios das ciências, particularmente das ciências da natureza. A extrapolação de métodos, pertinentes num determinado domínio da realidade, para outros domínios diferentes trai os resultados, sobretudo quando se confunde o ideal de exatidão das ciências experimentais com o ideal de rigor das ciências do homem. Para o autor de *Da Filosofia* a redução do concreto humano à abstração essencialista, ou seja, à busca de universais, é um desvio que não favorece nem a ciência natural nem a ciência do homem. Aparentemente Delfim Santos, nesta fase da sua vida espiritual, ignora a dialética entre fenómeno e essência, negando a possibilidade da aplicação do método experimental da ciência clássica ao domínio do existente. A distinção e separação dos níveis de realidade, inspirada aliás em Pascal, leva-o a conceber uma pluralidade ontológica, uma diferença radical nos estratos de que se compõe o mundo real, de tal modo que considera ilegítimo reduzir o vivo ao inerte ou o existencial ao essencial, «*As categorias que são adequadas ao estudo do vivo não podem ser transpostas para o não-vivo (...) muitas vezes, porém, as categorias úteis ao conhecimento do não-vivo são transpostas para o vivo porque neste há ainda o que naquele também há*». Como se vê, não existe, para ele, interconexão entre os dois níveis mas direção unilateral, a vida é irredutível à não-vida.

É por um raciocínio semelhante que o pensador nega a possibilidade de aplicar sistematicamente a categoria de identidade à diversidade contrastante do real, sobretudo quando o real é encarado do ponto de vista do homem. A confusão entre regiões da realidade conduz necessariamente à confusão de valores, nomeadamente no campo lógico, dando-se predominância excessiva ao princípio de identidade. O homem, ou o estudo do homem, não deve subordinar-se a tal confusão de valores: há que determinar qual é o campo da Antropologia e ao mesmo tempo definir as



www.delfimsantos.org

condições específicas da experiência no domínio das ciências humanas. A dialética de Delfim Santos não se decide por uma visão de conjunto mediante a qual seja possível aplicar uma categoria geral que compreenda natureza e homem — embora tenha sido sensível a uma dialética da totalidade. Em breve, porém, o legado de Kierkegaard se sobrepõe ao que no hegelianismo poderia ser fonte de inspiração num pensador claramente disposto a aceitar o princípio de contradição como base categorial da própria experiência ou como postulado das lógicas des-substancializantes. Com efeito, ao definir a existência humana, Delfim Santos dirá que a angústia é manifestação típica da existência em função de estar-no-mundo. Isto é, angústia *«não se adscrive a manifestações parcelares da constituição humana, interessa o homem na totalidade do existente. Nisto se distingue da ansiedade, do medo, do desespero, originados predominantemente em afeções radicadas no vital, no psíquico, no espiritual»*. O *estar-no-mundo* escurece no pensamento de Delfim Santos, o sentido e significado duma condição não menos típica do homem, que é o ele *ser-do-mundo*, um ser, em suma, emergente da natureza. Um tal preconceito não o impede de valorizar a ciência e, no mesmo passo, de lhe traçar os limites: *«...a ciência tem-nos facultado inúmeros e valiosos conhecimentos referentes ao homem; à medida, porém, que esses minuciosos conhecimentos crescem, mais se reduz a capacidade de compreender o homem como todo, como ser vivente, criador em si de um mundo próprio e intransferível»*. Na verdade, não se pode ignorar que há um mundo criado pelo homem, um universo de valores humanos que a ciência exata explica, descreve mas *«não compreende»*. A questão essencial põe-se, segundo o Mestre, nestes termos: não se trata de saber o *«que»* é o homem, mas *«quem»* é o homem: *«A enumeração de o «que» o homem constitui reduz o problema ao nível do conhecimento fragmentário, aniquilante do homem como todo»*... Para o pensador não se trata de subtilezas vocabulares, mas de uma importante distinção metodológica. A resposta ao *«que»* é o homem implica um esquema naturalista, descritivo e explicativo que prejudica a compreensão e a interpretação do sentido da vida. Interrogar *«quem»* é o homem supõe (especialmente no plano pedagógico e psicopatológico) desviar-nos do descritivo para nos situarmos na compreensão, de tal modo que essencialmente *se respeite o homem na sua dignidade*. Atentemos na noção de *respeito pela dignidade* do homem, A autêntica antropologia não poderá firmar-se sem a sondagem dos valores morais, sem uma descida ao íntimo da individualidade. A ciência não pode tratar do homem como trata o vegetal ou a pedra, em termos de causalidade estrita. O que se busca no homem terá de ser reavaliado em função de valores que respeitem os seus fins. A análise da condição humana, na perspectiva em que se coloca, fá-lo tender para uma visão pessimista e dramática. O homem é um ser que vive sob a *permanente ameaça de aniquilação*, e uma tal ameaça gera a *angústia*, sentimento superior pelo qual o indivíduo busca constantemente a superação da queda em o *«nada»*. Sendo a condição humana contraditória e a ambígua, a superação é praticamente impossível, se bem que o desejo de perfeitibilidade conduza ao ascenso contínuo da personalidade. A busca de si próprio consiste no esforço contra a inautenticidade que lhe é gratuitamente



www.delfimsantos.org

oferecida — cumpre que o homem se não torne «um como os outros», que se individualize pela educação, que saiba fugir da «alienação fácil e irresponsável, em adesão obediente e sem revolta. A existência autêntica, não diluída, expressa pela individualidade, a existência do homem que acaricia a solidão e luta contra a pequena morte de toda a gente, na expressão de Rilke, essa terá de ser conquistada». «A solidão humana é uma situação particular, individual, que se corrige na solidariedade: «A existência de cada um de nós não é apenas o centro do nosso mundo, mas o que dá significado ao mundo nosso e ao mundo de cada um dos outros». O autêntico sentido da convivência dissolve o «ele» indiferenciado e anónimo, conquista o «tu» particular e íntimo pela amizade e pelo amor.

Para o Mestre da Faculdade de Letras de Lisboa a inquietação e a revolta autênticas assinalam uma posição contrária ao otimismo confiante. Mais: o humanismo, para ele, não se caracteriza pela confiança mas pela esperança: *a confiança firma o homem em si próprio, a esperança arremessa-o em busca de si, do que não é dado mas se conquista*. A esperança no homem implica, acaso, a serena expectativa do desenvolvimento das virtualidades históricas? Creio bem que não. O humanismo de Delfim Santos rejeita qualquer tipo de formação confiante, que inculque excessiva segurança de si próprio — contrária por isso, veementemente, a quietude, a harmonia clássica, cicerónica. Realizar o humano no homem constitui um ato de rebeldia consciente, uma conquista difícil, um projeto em que as opções têm de contar com um sim e um não, em que a escolha se não estabelece coletivamente, em nome da razão de Estado ou de Partido, mas na livre intimidade de cada um. Esperança suporta o desespero e o desespero não exclui a esperança: «o desespero é o viver da própria vida, essa dualidade que em todos se afirma, por vezes sem se mostrar, entre o «eu» subjetivo de aspiração e o «eu» objetivo de precária realização». Apesar de precária, a realização é um dado essencial do humanismo de Delfim Santos. Realizar o humano no homem é centrar toda a preocupação no ser humano desde o nascimento à morte. Não é, portanto, o saber que constitui o fim do homem, mas sim o homem que é o fim do saber — e por isso a ciência se tem de fundar como *saber medial ao serviço do homem*. Delfim Santos aceita a certeza matemática, a racionalidade do «cogito», a certeza sensível de Locke, acarinha e defende o esforço científico — mas sem «inversão de valores», quer dizer, de tal modo que a ciência não seja um fim mas um meio, que o homem não suponha que o saber o dignifica sem que, primeiramente, ele próprio tenha dignificado o saber. Por isso filosofia e ciência só assumem *pleno significado enquanto conexas e orientadas para a mesma finalidade paidéutica*. Antropologia, humanismo e educação são termos de comum significado — a realização do seu ideal implica uma transformação profunda do homem e das instituições do ensino, uma verdadeira reforma da Escola que alcance libertar o próprio indivíduo e permita a sua realização integral.

Alberto Ferreira



~~texto cortado pela censura prévia~~

www.delfimsantos.org